MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2002 nº 222

Doce de Baú

Quando o Querubino descia a ladeira, quando o Querubino passava na rua com a rodilha e o baú, já se sabia: era véspera de algum casamento. Isto em Aparecida do Norte, lá pelo ano de 1880, quando ainda pertencia a Guaratinguetá.

Querubino era preto forro, morava em uma casa baixa, de tijolos, com uma porta e uma janela amarelinha, cor de taguá. Era a única construção no comecinho da atual rua Dr. Oliveira Braga, justamente onde se situava o Laboratório Nossa Senhora Aparecida. Durante anos, ajeitando na cabeça, que estava beirando "três vezes trinta", o baú de tampa enfeitada, cadeado balançando, ia o Querubino, a pé para Guaratinguetá, buscar os doces dos casamentos. Não tinha ordem de parar, de conversar e nem de descansar.

Aparecida do Norte apesar de fervorosa na sua devoção a Nossa Senhora, sentia também o outro lado das coisas. E de envolta com versos místicos e orações milagrosas, estavam as crendices, os avisos dos mais velhos e os símbolos agourentos. Daí a ansiedade com que se aguardava o retorno do Querubino: não era "nada de bom" quebrar-se algum doce do baú...



Querubino saía de manhãzinha, às seis horas, atravessava a ponte do Sá, passava-se benzendo pela figueira, pela aroeira, e, dentro de um caminho estreito e tortinho, fileiras de bambus e cafezais,

todo medroso, rente ao Morro Vermelho, chegava a Guaratinguetá, voltando antes do sol estar no meio dia, porque os doces eram muito mimosos. As doceiras residiam na cidade, sendo afamadas em toda redondeza pelos açucarados que faziam: simples e belos. Terezinha Galvão e Mariazinha do Juca Nabo, com arte inconfundível, enchiam o baú de doces brancos e coloridos. Doces que eram emblemas para os noivos, admiração e enlevo para os convidados. Papéis cortados e recortados à tesoura, onde, a graça combinava com o sentimento, pareciam rendilhados floridos. Terezinha Galvão e Mariazinha compreendiam o que os doces representavam e forravam o baú com papel branco, muito fino. Nos cantos, flores de papel serviam de enchimentos. Aproveitadas na mesa como enfeites e depois levadas dentro do lenço como lembranças. E o baú trazia, todas as vezes, doces numa configuração de árvores, frutas, palmeirinhas, figurinhas e bracinhos.

Bracinhos de açúcar cor de rosa, com pulseiras e anelzinho no dedo. Pétalas de rosa que se desfaziam na boca. E lindos cachos de uva açucarados. Minha informante, com 84 anos de idade, contou como se preparavam: os cachinhos de uva, apanhados quase maduros, com todo cuidado, ficavam mergulhados em calda grossa, quase em ponto de espelho e deixados "em fusão" de um dia para outro. Depois eram os cachos dependurados em um anelzinho, no lugar onde o sol era próprio. Mas, tão importante quanto a chave do baú, eram as três laranjeirinhas. Laranjeiras açucaradas, galhos e folhas verdes, com flores de açúcar branco e puro. Uma era colocada ao lado dos noivos. A segunda, no centro da mesa. A terceira, no fim da mesa.

Para um casamento na fazenda de Nhá Tude Portes, lá no bairro dos Leme, mãe da nossa informante (que possuía o baú amarelo-ouro com rosas vermelhas) é que o Querubino fora buscar os doces. Nhá Tude tinha doze filhos e mais onze de criação. Recomendava, recomendava ao Querubino que não parasse no caminho, tomasse cuidado com a chave, caminhasse na sombra e, na porteira da fazenda ainda gritava: - Oh! Querubino, um pé lá e outro aqui, ouviu?

Os noivos eram filhos de criação de Nhá Tude e a festa em tudo igual às organizadas para seus próprios filhos. E a prova estava na encomenda dos doces. Ficava caro, tão caro que só mesmo os abastados é que podiam se dar ao luxo de encomendar doces em Guaratinguetá.

O romance iniciara-se numa noite de São João e já em setembro realizava-se o casório. Todo o pessoal da casa em movimento. Nhá Tude atropelava as moças, e cada qual tinha a sua obrigação. Umas batiam pão-de-ló, outras levavam os doces que iam ficar vidrados por fora e úmidos por dentro. Só a Maria do Carmo é que ficava na sala grande. Era a "repicadeira". Cortava folhas e folhas de papel de seda para cobrir os bolos, os doces, os pães-de-ló, forrar pratos e bandejas. O papel mais parecia uma toalhinha de renda com sua finíssima franja esvoaçante. Nhá Tude, dinâmica e impaciente, volta e meia fincava os olhos na estrada, aguardando o Querubino. Quando o avistou, foi ao seu encontro. Precisava esconder o baú para que não mexessem nos doces e, além disso, guardar a chave no "cós" da saia. Dentro de um quarto, longe de todos, o baú foi aberto. Nhá Tude olhou, abanou a cabeça e juntou as mãos... uma laranjeirinha quebrada e as flores caídas... E começou a saraivada de perguntas, desejosa de atirar toda a culpa no Querubino e de aliviar-se daquele mau pressentimento (Não era "nada bom" quebrar-se algum doce do baú...).

- Você parou, Querubino? Você abriu o baú? Você mexeu nos doces?

- Não, Nhá Tude, Querubino veio vindo... veio vindo...

- Não precisa se explicar. Toma as suas duas patacas e vá ajudar lá dentro. Não diga nada aos outros. Não conte a ninguém. Bico calado.

No dia seguinte, os trólis do Marcolino Portes, do João Bernardo e do Geraldo Antunes foram chegando. Os noivos, os padrinhos e os convidados mais importantes seguiram para Guaratinguetá. Era o cônego Benjamin de Toledo Melo, vigário, quem realizava os casamentos na Igreja de Santo Antônio. O regresso foi feito no meio de vivas de quantos encontraram pelo caminho, conhecidos ou não. Na fazenda, a grande mesa de doces já estava pronta. Ao olhar de

admiração, seguia-se o da pergunta que se derramava pela sala: onde está a terceira laranjeirinha?... onde está?...

Os noivos sentaram-se. A noiva sorria. Segundo o costume, seu véu cobria também a cabeça do noivo. A laranjeira ao seu lado, ela iria guardar. A outra, daria à Francisca, que muito em breve seria noiva. E a outra?... E a outra?... Que teria acontecido? Eram sempre três...

Por mais que Nhá Tude avivasse com a voz as brincadeiras, uma preocupação envolvia todos que se achavam na sala grande. Já sabiam que as flores caíram... que a laranjeira chegara quebrada...

A primeira mesa de doces estava no fim. Na segunda, de doces caseiros, o pessoal mais íntimo, os conhecidos dos bairros, os amigos de todos os dias. O padrinho tirou o véu da cabeça da noiva. A madrinha guardou a grinalda e o véu da noiva. O novo casal, envergonhado e submisso, ouviu os conselhos e recebeu as bênçãos. E o tempo passou... Mas, não tanto... nem um ano... E mais um anjinho ficou sorrindo por entre as estrelas...

Tormentavam Querubino com as perguntas:

- Você tropeçou, Querubino?
- Você parou Querubino? Você mexeu nos doces, Querubino?
- Por que a laranjeirinha se partiu?
- Por que as flores caíram?
- Não seria o bracinho de açúcar cor de rosa, com anelzinho no dedo, que teria derrubado as flores?

E por que você não respondeu Querubino:

- A sorte é Deus quem dá.

Foi a mão do destino, foi a mão do destino, não foi mesmo, Querubino?

Conceição Borges Ribeiro Camargo

Nota - O texto acima foi publicado na Revista Ângulo, Lorena: 2 - 3, jan./mar./1983. Desenho de Marco Antônio Reis.